

sem saber o que dizia, numa espécie de demência. Era de si mesma que queria ser salva — da resistência que sentia em si mesma.

Mellors a retomou nos braços e a colou a si — e ela ficou pequenina em seus braços, pequenina e meiga. Cessara a sua resistência; começava o seu corpo a fundir-se numa paz maravilhosa. E como se fundia maravilhosamente e se fazia pequenina em seus braços, tornou-se infinitamente desejável para ele. Todas as veias de Mellors como que arderam num fogo de desejo — desejo dela, desejo de sua meiguice, da penetrante beleza que tinha nos braços e se passava para o seu sangue. E, macio, com a maravilhosa carícia deliquescente de suas mãos macias de desejo, suavemente acariciou-lhe a cintura macia, as coxas, a quente maciez de entre elas, mas sentia como uma chama de desejo terna apesar da chama — e sentia-se derreter nessa chama. Deixou-o fazer. Sentiu o pênis erguer-se contra ela com admirável força silenciosa e deixou-se penetrar. Cedendo com uma palpitação que parecia a morte, abriu-se toda inteira. Ah! Se ele não se enternecesse agora, que se lhe abrisse toda e se lhe rendera, que crueldade!

Constance vibrou de novo àquela penetração poderosa, inexorável, terrível! O golpe veio como um enterrar de espada em seu corpo aberto, e podia ser a morte. Agarrou-se a ele, numa súbita agonia de terror. Mas a penetração foi uma lenta carícia de paz — sombria carícia de paz, de poderosa ternura primordial, como a que criou o mundo em suas origens. E em seu peito o terror esvaiu-se. A paz voltou-lhe ao corpo, já liberto de resistência, num dar-se inteiro, num deixar-se flutuar.

Constance parecia transfeita em mar, todas vagas que se inchavam e subiam em surtos impetuosos até que, lentamente, toda a massa obscura entrasse em ação — oceano a palpitar sua sombria massa silenciosa. E lá embaixo, no fundo dela, as profundezas do mar se separavam e rolavam lado a lado do centro onde o mergulhador mergulhava docemente, mergulhava cada vez mais fundo, tocando-a cada vez mais fundo; e ela se sentia alcançada cada vez mais no fundo, e as vagas de si mesma iam rolando para alguma praia, deixando-a descoberta; e cada vez para mais longe rolavam as vagas de si

mesma, que a abandonavam, até que, de súbito, numa delirante convulsão, o mais vivo do seu espasmo foi alcançado; ela o sentiu alcançado — e tudo se consumou: seu "eu" esvaiu-se; Constance não era mais Constance, e sim, apenas mulher!

Ah! Belo demais, maravilhoso! Ao sobrevir o refluxo das ondas, Constance compreendeu toda aquela beleza. E, agora, seu corpo inteiro se agarrava com terno amor àquele homem desconhecido, furiosamente retendo em si o pênis frouxo, que depois do assalto se retirava sem o saber, vagarosamente, maciamente. Ao ver fugir aquela coisa secreta e sensível, ao senti-la abandonar seu corpo, Constance deu um grito inconsciente, um grito de pavor, e procurou retê-lo. Tinha sido tão perfeito e dado tanto prazer!

Só então Constance atentou na pequenez do pênis, sua delicadeza, sua reticência de broto; e leve grito de maravilhamento e dor escapou-se-lhe ainda — o grito do seu coração de mulher maravilhada pela delicada fragilidade do que tinha sido a potência.

— Ele foi tão belo! gemeu Constance. Foi tão bom!

Mas Mellors nada dizia; abraçava-a com enlevo, deitado ainda sobre seu corpo. E ela gemia numa espécie de beatitude, como vítima, como coisa que acabava de nascer.

Em seu coração palpitava a admiração que lhe vinha por aquele homem. Um homem! A estranha potência de virilidade? Suas mãos erravam sobre ele, ainda tímida diante dessa coisa estranha, hostil, ligeiramente repulsiva que havia sido para ela: um homem! E o apalpava, e eram os filhos de Deus com as filhas dos homens. Como era belo, dum tecido tão puro! Quão belo e forte e, entretanto, puro e delicado! Que imobilidade naquele corpo sensível! Que absoluta imobilidade da potência e da carne delicada! Como era belo! Tímidamente sua mão alisou-lhe as costas e desceu até às redondezas firmes das nádegas. Beleza! Que beleza! Uma nova chama de compreensão atravessou-a. Como era possível que aquela beleza já lhe houvesse causado repulsão! A inefável beleza das nádegas quentes, vivas, que ela tocava! E o estranho peso dos seus escrotos entre as pernas. Que mistério! Que peso estranho, cheio de mistério, que a gente podia ter assim